

Metodologia de documentação linguística como subsídio para ensino de língua*Methodology of language documentation as a tool for language teaching***Mara Santos**

Universidade Federal do Amapá

RESUMO: Neste artigo, pretendo apresentar um estudo de caso do uso de metodologia de documentação linguística como subsídio para ensino de línguas em atividades desenvolvidas em sala de aula no âmbito do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Binacional, município de Oiapoque, estado do Amapá. O curso em questão atende a 136 indígenas de 9 etnias, a saber: Wajãpi, Apalaí, Waiana, Tiriyó e Katxuyana (Terra Indígena Parque do Tumucumaque, região do rio Parú, norte do estado do Pará, na margem esquerda do Amazonas até o extremo norte do Amapá) e Galibi Marworno, Karipuna, Palikur e Kalinã, que habitam as terras indígenas Galibi, Uaçá e Juminã (estado do Amapá na margem direita do Rio Oiapoque). Estes 136 indígenas e seus povos vivenciam uma realidade multilíngue e multicultural que exige em suas salas de aula práticas de ensino específicas para atender às demandas da própria escola. Essa realidade desafia o professor a construir “métodos” ou conjuntos de ações práticas e pedagógicas basilares para atingirem os objetivos propostos. Ao professor cabe a tomada de decisão em buscar métodos de ensino, estratégias, práticas inovadoras que facilitem e que sejam eficazes no processo de ensino e aprendizagem. O meu objetivo aqui é apresentar uma experiência de uso de recurso tecnológico na prática de ensino de língua.

Palavras-chaves: Educação Escolar Indígena. Documentação Linguística. Línguas Indígenas.

ABSTRACT: In this paper, I intend to present a study about uses of methodology on linguistic register cases as well as a subsidy for languages learning in activities developed in the classroom into an environment for Indigenous Intercultural Bachelors' degree Courses (CLII), offered by Federal University of Amapá (UNIFAP), and assigned in Binational Campus, in Oiapoque County from State of Amapá. 136 indigenous students among 9 ethnies attend this course, as Wajãpi, Apalaí, Waiana, Tiriryó and Katxuyana (Parc of Tumucumaque Indigenous Territory), a region alongside of Parú river, on north of State of Pará, along the left boarder from Amazonas until the extreme north of Amapá); Galibi Marworno, Karipuna, Palikur and Kalinã, who live in indigenous territories named Galibi, Uaçá and Juminã, on North of Amapá along the right boarder of Oiapoque River. It's a multilingual and multicultural reality that demands, to its professorial team, a specific learning practice to correspond to needs resulted from activities in the classroom. This reality challenges a professor to tailor “methods” or an assembly on basilar pedagogical and practical actions for achieving the goals proposed. A professor has abilities to pursue learning methods, strategies and innovator practices that are easier and efficient into a learning process. My goal here is to present my experience in use in technology resources into language learning practice.

Keywords: Indigenous School Education. Linguistic Register. Indigenous Language.



1. INTRODUÇÃO

Como o título do artigo indica, apresento aqui um estudo de caso do uso de metodologia de documentação linguística para o ensino de língua, aplicada aos alunos dos diferentes povos indígenas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII). Para tanto, não me atendo às discursões de metodologia de ensino de língua ou aos princípios pedagógicos norteadores de uma metodologia aplicada ao ensino de língua. O que apresento aqui é uma experiência de prática docente voltada ao processo de ensino de língua, utilizando, como exemplo, quatro trabalhos desenvolvidos por alunos a partir do uso do programa *Eudico Linguistic Annotator* – ELAN. Este programa conecta unidades de som a unidades ‘textuais’, permitindo assim sua anotação, ou seja, transcrição (fonética ou ortográfica), tradução, segmentação morfológica, notas e comentários. O programa ELAN é uma das diferentes ferramentas utilizadas para análise de línguas em seus diferentes usos e faz parte da metodologia adotada por alguns pesquisadores na construção de projetos de documentação linguística.

2. O panorama linguístico e cultural do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII)

O projeto do CLII é estruturado em três áreas: Ciências Humanas, Ciências Exatas e da Natureza e Linguagens e Códigos. Trata-se de três áreas de conhecimentos indispensáveis na formação de professores em Educação Escolar Indígena. A proposta do curso é formar/instrumentalizar professores/pesquisadores indígenas numa perspectiva pedagógica de interculturalidade para atuarem nas escolas de suas comunidades. O CLII é específico para formação de professores indígenas. O curso é realizado em formato de módulos nos períodos de janeiro a março e de junho a julho. A maioria dos alunos já é professor de escolas indígenas e vive em suas aldeias. Alguns desses alunos têm o português como sua segunda língua e outros, como língua materna.

O CLII atende alunos oriundos dos diferentes povos indígenas que têm suas terras localizadas nos estados do Amapá e norte do Pará, reunindo, dentro das salas de aulas, uma ativa diversidade linguística e cultural que desafia o professor, principalmente o que atua na área de Linguagens e Códigos, a desenvolver atividades que colaborem para o fortalecimento e respeito dessa diversidade.

O estudo de caso apresentado nesse artigo resulta de uma experiência vivida durante minhas atividades de docência nas etapas presenciais do CLII, realizadas nos anos de 2014 e 2015 na disciplina **Políticas de Revitalização Cultural e Linguística**. Nesta disciplina, trabalhamos os conceitos de família linguística; relações genéticas entre línguas; os processos de perda da diversidade; línguas ameaçadas; e oficinas de instrumentalização dos discentes em metodologia de construção de projetos de documentação cultural e linguística, que hoje é uma área de pesquisa com metodologia e procedimentos definidos, com uso de alta tecnologia para desenvolver programas computacionais e com diferentes ferramentas que auxiliam os pesquisadores na organização, no tratamento e no armazena-





mento de dados linguísticos, facilitando assim os projetos destinados a manter e revitalizar línguas que se encontram em risco de desaparecerem.

A disciplina ofertada atendeu a alunos das turmas de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2014, correspondendo a um total de 64 alunos. Em termos linguísticos, os alunos pertencentes à Etnia Karipuna falam o Kheuól, uma língua crioula de base francesa com influência do português. Ainda não existem estudos que definam o perfil linguístico desta língua, além do mais não sabemos o grau de vitalidade da mesma entre os Karipuna. Apesar desse cenário, podemos afirmar, a partir das impressões dos próprios alunos do curso, em seus depoimentos, em atividades de sala de aula e em muitas aldeias Karipuna, que o português ocupa um lugar de maior prestígio, pois é a língua de ensinamento dentro da escola e que, por vezes, é a língua de comunicação dentro de casa, tal qual a língua materna e de ensinamento dentro da escola. Portanto, há aldeias Karipuna que só utilizam o português quando em contato com não Karipuna.

Os alunos da Etnia Galibi Marworno se autodeclararam falantes de uma variedade do Kheuól. Assim como os Karipuna, não existe nenhum levantamento sociolinguístico que aponte o grau de vitalidade da língua entre seus usuários. A situação do uso do português não difere do uso do português entre os Karipuna. Os alunos da etnia Apalaí falam a língua Apalaí, que pertence à família linguística Karib. Atualmente, a comunidade Apalaí se encontra na aldeia Bona, parque do Tumucumaque, convivendo com outras etnias, tais como Wayana, Tirio, Waiãpi, Kaxuiana, Akurio e Xikyiana. (APALAI, 2016). Os alunos Palikur, por sua vez, falam a língua Palikur que pertence à família linguística Aruak. As aldeias Palikur estão situadas na terra indígena Uaçá, às margens do rio Urucauá, município do Oiapoque, estado do Amapá. Na maior parte das aldeias deste grupo, o Palikur é a língua usada no cotidiano das pessoas. Este povo se comunica na língua Palikur, pois ela é ensinada dentro da casa e nas escolas. (HIPÓLITO, 2014)

Em síntese, conforme se pode observar no quadro a seguir que trata dos povos atendidos na disciplina ministrada no CLII, são quatro diferentes línguas compartilhando uma língua comum, a portuguesa, em diferentes domínios oral e escrito.

ETNIA	LÍNGUA	FAMÍLIA LINGUÍSTICA
Karipuna	Kheuól variedade Karipuna	língua Crioula
Galibi Marworno	Kheuól variedade Galibi Marworno	língua Crioula
Galibi Kalinhã	Galibi Kalinhã	Karib
Apalai	Apalai	Karib
Waiãpi	Waiãpi	Tupi
Palikur	Palikur	Aruwak

Apesar da existência e do uso cotidiano de suas línguas maternas, cada vez mais a língua portuguesa tem ganhado espaço e prestígio entre os povos indígenas em questão. O domínio da língua portuguesa se torna necessário entre os diferentes povos indígenas brasileiros para manutenção das relações comerciais e sociais interétnicas. Essa realidade não é nova ou única destes povos indígenas. De certa forma, a escola acompanha esse proces-





so, resultando na presença desta língua em seu interior, sobretudo, no formato de disciplina. Isso é o que se pode observar, por exemplo, no relato de Benjamim Chere, professor Katukina:

Eu estou trabalhando com o português porque agora a gente tem mais contato com o branco para fazer negociação de compra e venda. Também quero formar mais alunos para escreverem pequenos textos em português e quero que leiam qualquer tipo de escrita: bilhete, carta, jornais, rótulos... Quero que consigam dialogar com amigos e não-amigos; quero que consigam resolver problemas na cidade. (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, 1998, p. 112).

Como se vê, o português tem ocupado cada vez mais espaço de prestígio dentro das comunidades indígenas, dentro das escolas em detrimento das línguas originárias. Esta realidade se agrava mais nas comunidades que não têm acesso às políticas públicas de valorização e de preservação de suas identidades linguísticas.¹

3. Procedimentos metodológicos e apresentação dos dados

A atividade a que se refere este artigo consistiu em gravar em vídeo um evento de fala, abordando qualquer assunto, utilizando a língua escolhida pelos próprios alunos. Depois do vídeo editado, as próximas etapas foram a transcrição e a tradução. Na sala de aula, estavam presentes alunos falantes das línguas: Apalai, Palikur, Kheuól Galibi Marworno, Kheuól Karipuna e Português. Muitos falaram em suas línguas maternas. Outros falaram em português. Os que têm algum domínio da língua indígena falada em sua comunidade fizeram questão de tentar falar na língua, enquanto outros, que dominam sua língua materna, preferiram falar em português na perspectiva de obter maior proficiência.

O processo de gravação em vídeo faz parte do conteúdo da disciplina, ou seja, trabalhamos o uso da câmera, o controle do espaço de gravação, a luz e os barulhos externos. A duração de cada gravação foi de no máximo três minutos. O assunto escolhido por eles girou em torno da importância de preservar e de fortalecer suas línguas e suas culturas. Muitos se empolgaram e falaram mais de três minutos, o que lhes causou muito trabalho no momento da transcrição e da tradução da sessão².

Um desafio superado foi o domínio do computador, desde o seu uso mais básicos como a digitação, os comandos de apagar, espaço, entre outros, até mesmo o controle do mouse. Havia aluno que nunca tinha manuseado um computador. As dificuldades inerentes foram superadas já nos primeiros minutos da atividade. Outro desafio foi trabalhar

¹ Desde a Constituição Federal de 1988, a Educação Escolar Indígena tornou-se uma Política de Estado, a fim de garantir às comunidades indígenas uma educação escolar indígena bilíngue e diferenciada, com materiais didáticos específicos respeitando seus processos próprios de ensinamento e de aprendizado.

² Sessão é o produto de um arquivo de áudio ou vídeo com anotações de no mínimo transcrição e tradução.





a vergonha em frente à câmera, não saber falar sua língua ou tentar falar o português; dificuldades também superadas, o que resultou na produção de diferentes reflexões acerca da atual situação de suas línguas e culturas.

Após as gravações, passamos para o tratamento dos dados usando o ELAN. O primeiro objetivo era aprender as funcionalidades do programa e os comandos. Após essa fase, iniciamos o processo de transcrição e de tradução das sessões de vídeo. Esta etapa foi muito interessante porque, ao se verem no vídeo e ao se ouvirem, muitos julgaram que a gravação não havia ficado boa e que seria melhor tentar novamente, ou que deveriam falar de outro assunto ou abordar outro aspecto da língua. Enfim, contornei a situação explicando que o que importava no final da atividade era que todos tivessem a capacidade de dominar a ferramenta ELAN, a fim de permitir-lhes transcrever e traduzir dados de suas línguas para distintas atividades de ensino na escola indígena.

Ao iniciarmos o processo de transcrição, se desenharam duas situações de domínio e de uso da língua Kheuól: (i) Karipuna falante de Kheuól que domina bem a língua oral, mas não domina a escrita e (ii) Karipuna que não domina muito bem a língua oral, mas que sabe escrever. Nesse caso, ao iniciarem a transcrição dos que gravaram em Kheuól, os alunos se organizaram em grupos para se ajudarem mutuamente em suas dificuldades específicas. Quem dominava oralmente o Kheuól ajudava aquele que só dominava a escrita e vice-versa. Nesse momento, os que falavam Kheuól se subdividiram em Kheuól falado pelos Galibi Marworno, que tem suas características linguísticas enfatizadas por eles - isso se reflete numa diferente ortografia -, e também em Kheuól falado pelos Karipuna. Para o caso das outras línguas presentes na disciplina, destaco o caso dos alunos Apalai, que tiveram dificuldades com o domínio do computador e com a tradução para o português. Destaco também o caso dos alunos Palikur, em que alguns já tinham formação no uso do programa ELAN, outros tinham dificuldades com o computador e com a tradução para o português.

Superadas todas as dificuldades, chegamos a um determinado momento da atividade em que as línguas estavam expostas e se tornaram o tema central da discussão, seja na sua forma de falar, seja na forma de escrever. As formas de convencimento de cada um eram definidas pela competência linguística nas línguas em questão. Portanto, quem tinha mais conhecimento na língua oral ou escrita resolvia as dúvidas levantadas por uma palavra ou frase em questão. Ao final da atividade, todos os alunos apresentaram uma sessão de ELAN transcrita e traduzida. Para ilustrar a atividade, apresento a seguir quatro exemplos do resultado do trabalho de gravação, transcrição e de tradução.

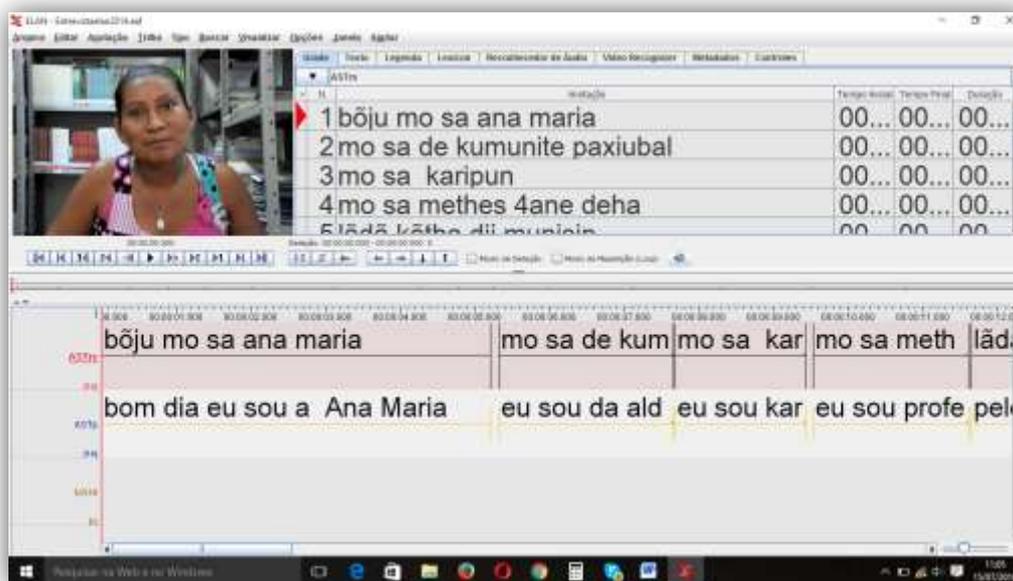
Exemplo 1:

A figura 1 a seguir é o *print screen* da janela do ELAN com a transcrição de um vídeo falado em Kheuól karipuna e a tradução para o português da aluna Ana Maria dos Santos Aniká, etnia Karipuna - (ingressante da Turma 2012).





Figura 1



Abaixo, a sessão transcrita e traduzida no formato word³.

ASTrs *bõju mo sa ana maria*

ASTp bom dia eu sou a Ana Maria

ASTrs *mo sa de kumunite paxiubal*

ASTp eu sou da aldeia paxiubal

ASTrs *mo sa karipun*

ASTp eu sou karipuna

ASTrs *mo sa methes 4ane deha*

ASTp eu sou professora ha 4 anos

ASTrs *lãdã kõtha dji munisip*

ASTp pelo contrato municipal

ASTrs *mo ka thavai la kumunite pakapwa*

ASTp eu trabalho na aldeia pakapwa

ASTrs *me mo kõtã boku dji mo kumunite paxiubal*

ASTp mas gosto muito da minha aldeia paxiubal

³ A sigla ASTrs – significa - AS – Ana Santos e Trs – transcrição - nesse campo transcreve a língua utilizada no vídeo, no caso acima, o Kheúól karipuna; ASTp – significa – AS – Ana Santos – Tp – tradução para o português.



ASTrs *pase methes- eila ka aufabetxize*
 ASTp porque os professores alfabetizam

ASTrs *phomie lãdã lang mamã Kheuól*
 ASTp os alunos primeiro na língua materna Kheuól

ASTrs *i aphue sa ie ka pase pu lang potxige*
 ASTp e depois no português

ASTrs *ka fasilite piboku pu alun-ielã kãphan i ãphan*
 ASTp para que os alunos aprendam e entendam com mais facilidade

ASTrs *i jodla deha gãie alun*
 ASTp e hoje já têm alunos que estão

ASTrs *6 zem ãne dji konetmã dji 9 ane*
 ASTp no 6º ano do ensino fundamental de 9 anos

ASTrs *ki deha ekhi liv lãdã lang Kheuól*
 ASTp que já escrevem livros na língua materna Kheuól

O trabalho de transcrição da língua Kheuól trouxe à tona vários problemas relativos à questão da definição da língua padrão utilizada pelos seus indivíduos, tanto Karipuna quanto Galibi Marworno. A este respeito, Picanço (2001, p. 84) afirma que

Entre os Karipuna e os Galibi Marworno que falam a mesma língua, a única diferença existente é de pronúncia. Os karipuna pronunciam com um som mais fechado e os galibi com o som mais aberto, porém a grafia é a mesma.

Exemplo: Piebua –árvore (grafia comum entre os dois povos)
 [Piêbua] (Pronúncia Karipuna - som fechado)
 [Piébua] (Pronúncia Galibi - som aberto)

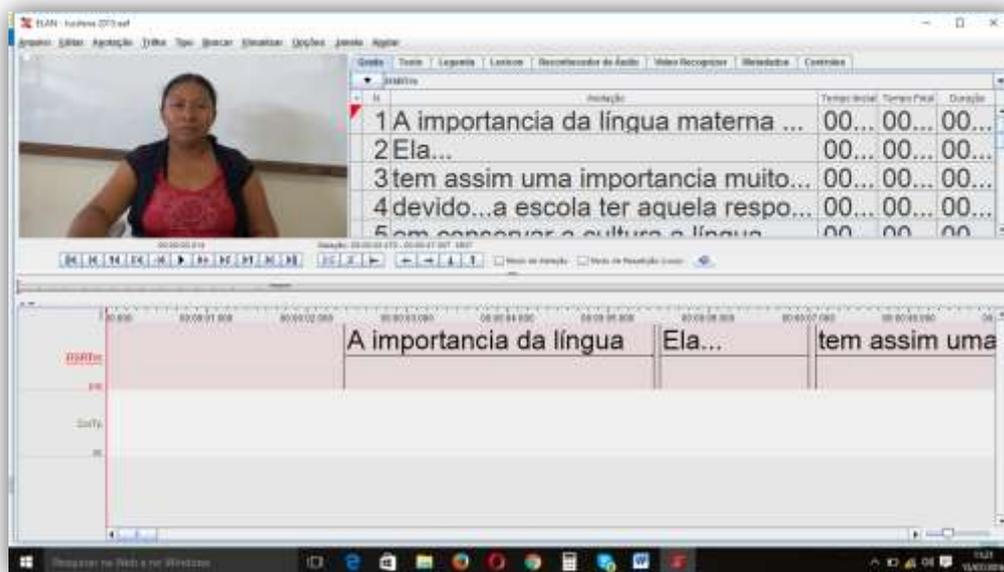
Tomando-se como ponto de partida as discussões mencionadas acerca das variações entre os distintos grupos falantes de Kheuól, os alunos Karipuna e Galibi Marworno apresentaram vários outros exemplos, não só de variação fonética, mas de variação lexical que não estão contempladas nos materiais didáticos, gramática e dicionário, produzidos para as duas etnias. Nesse momento ficou claro para todos que era necessário que os professores iniciassem o processo de estudo do uso da ortografia adotada pela comunidade na perspectiva de melhorias e ajustes da mesma, já que era evidente um desacordo entre eles.



Exemplo 2:

No segundo exemplo dos trabalhos produzidos pelos alunos, a sessão de ELAN foi trabalhada por Lucilena dos Santos Ferreira, ingressante da turma de 2014, etnia Galibi Marworno. Nesta sessão, a aluna falou em Kheuól e traduziu para o português. Lucilena não quis transcrever o Kheuól, ela preferiu traduzir o áudio para o português.

Figura 2



LsTrs⁴ Bom dia meu nome é Lucilena dos santos Ferreira. Moro na aldeia kumarumã
 LsTrs Etnia Galibi Marworno. Eu sou professora
 LsTrs trabalho lá mesmo, na minha comunidade. Na escola Camilo Narciso
 LsTrs Eu estou aqui hoje estudando
 LsTrs cursando Licenciatura Intercultural Indígena
 LsTrs aqui você aprendi muitas coisas
 LsTrs da pra ter uma visão, mais sobre a minha aldeia
 LsTrs então eu aprender muitas coisas
 LsTrs hoje estou aqui eu tem mas um pouco de conhecimento
 LsTrs não é toda, mais tem coisa que eu nunca tinha visto falada
 LsTrs Mas agora aprendi então pra me voltar para minha aldeia
 LsTrs passa tudo para o meus alunos Em minha comunidade Onde eu trabalha.
 LsTrs tudo que eu aprender aqui, pra me passar para o meus alunos
 LsTrs todos os conhecimentos pra me trabalhar com eles em duas línguas
 LsTrs porque as duas são importante,

⁴ A sigla LsTrs – significa - Ls – Lucilena dos Santos e Trs – transcrição - nesse campo transcreve a língua utilizada no vídeo, no caso acima, Lucilena falou em Kheuól Galibi Marwono, não fez transcrição, fez somente a tradução para o português.



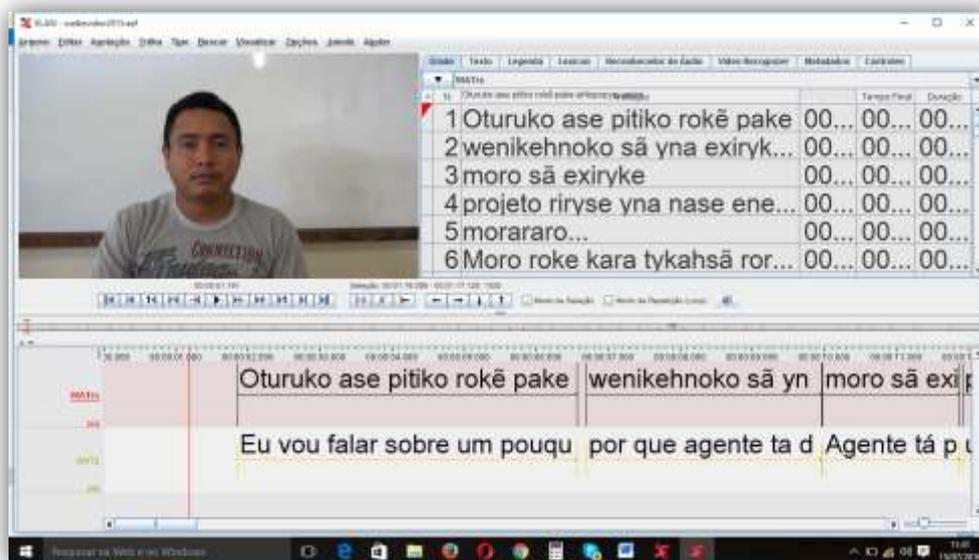


LsTrs porque o português é importante para nos defender os nossos direitos
 LsTrs também para vender os nossos produtos
 LsTrs e a nossa língua para nos não esquecer
 LsTrs porque a nossa língua que nós identifique, que nós somos índio
 LsTrs também para ensinar os alunos a escrever e falar a nossa língua, para não esquecer
 LsTrs e também para não esquecer a nossa tradição, o nosso costume, o nosso jeito de viver
 LsTrs ensinar para nossas crianças porque nos somos índio
 LsTrs É por isso nos estamos aqui para não esquecer, que nós somos índio

O trabalho em questão se restringia ao exercício de ter contato com a sua língua em uso e o desafio de traduzir para uma segunda língua. Não entramos no mérito da correção dos “erros” de ortografia do português, por não ser o objetivo da disciplina.

Agora vamos passar para o exemplo do trabalho realizado pelo aluno falante de Apalai. Wainarike Apalai, turma ingressante de 2014.

Figura 3



WATrs⁵ *Oturuko ase pitiko rokẽ pake ehtopyry poko,*
 WATp Eu vou falar sobre um pouquinho da nossa cultura né,

WATrs *wenikehnoko sã yna exiryke...moro sã exiryke*
 WATp por que agente tá deixando pouco pra trás... Agente tá precisando um

⁵ A sigla WATrs – significa - WA – Wainarik Apalai, Trs – transcrição - nesse campo transcreve a língua utilizada no vídeo, no caso acima, o Apalai; WATp – significa WA – Wainarik Apalai – Tp – tradução para o português.





WATrs *projeto riryse yna nase enepotohme ropa, morararo...*

WATp um projeto para revitalização das culturas, é também de...

WATrs *Moro roke kara tykabsã roropa. Wenikehnoko yna exiryke,*

WATp De não e só de cultura também de artesanatos. Agente tá deixando,

WATrs *moro riry poko, nuase makomo, te poetohti tomo...*

WATp fazer ne, alguns jovens e as crianças...

WATrs *Tykahsa riry waro pyra toto,*

WATp Não sabe fazer mais artesanatos,

WATrs *toine nuanenã pake oturutopõpo waro pyra, pake oturutoõpo*

WATp alguns jovens também não sabe contar mais historia, são contados

WATrs *moro otuenikaryse pyra yna nase...Mõtahtaot tuaro yna ehtohme ropa,*

WATp esse agente não pode esquecer...Agente precisa futuramente,

WATrs *pake ehtopõpyry poko.*

WATp é nossa historia que foi contado.

WATrs *Mame tuenikehse imero pyar exiryke, onumakara exiryke roropa...*

WATp Já, já esqueceram por que? Não foi escrito, e não foi publicado...

WATrs *Eee ekarotoh, poetohti netaryme te, tuaro ehtohme...*

WATp Éee só por, contando pra a criança, pra aprender...

WATrs *Toine tuenikapose, eporo, ise yna nase...*

WATp e alguns não valorizaram, mais, estamos precisando ainda pra...

WATrs *Enehtoh ropa... Eporo projeto rirysy, moro poko*

WATp Revitalização... É tem que fazer o projeto, projeto pra

WATrs *enehtohme ropa ijamihtatohme roropa, pake ehtopõpo poko morara ro*

WATp revitalização e reforço pra resgate, da nossa cultura é também

No quarto exemplo, apresentamos o caso do aluno Josieldo Labontê Orlando, etnia Palikur, ingressante da turma 2014.





Figura 4



*JLOTrs*⁶ *Kurin nah kinetihwene akiw amin akebite amakohnokwa,ku pariye nah kinetihwa*
JLOTp Agora eu falo de novo sobre anteontem que eu falei

JLOTrs *In ka aynsima gawaygi nutu, awaku in iki hiyakemniki ka aynsima*
JLOTp Aquilo é muito importante para mim, porque isso me dá muito conhecimento

JLOTrs *Hawwata akiw nah muwaka awnakevwey amin udahanwiw won... wonavikwiw ku pariye*
JLOTp Também eu quero falar sobre as nossas línguas maternas que

JLOTrs *In udahanwiw, areketni ku wixwiw ku pareykwene*
JLOTp Aquilo é nosso, comprova que nós somos indígenas

JLOTrs *Ka ik adah wixwiw mara akak udahanuy wonavikwiw awaku in wixwiw aymahwa akak,*
JLOTp Não devemos ter vergonha com a nossa língua, porque crescemos com ela

JLOTrs *wixwiw ka ik adah mara mmanawa in ay abet, abet umig*
JLOTp Nós não devemos ter vergonha, porque está no nosso sangue

JLOTrs *In ibeyne, uyay batkaw adahan wagahkisni akiw,*

⁶ A sigla *JLOTrs* – significa - *JLO* – Josieldo Labontê Orlando, *Trs* – transcrição - nesse campo transcreve a língua utilizada no vídeo, no caso acima, o Palikur; *JLOTp* – significa *JLO* – Josieldo Labontê Orlando – *Tp* – tradução para o português.





JLOTP Isso é bom, vamos tentar aumentar de novo

JLOTRs *gawaygi adahan wixwiy tiviknenen akak, ka byukuma wowiy han pitatyet.*

JLOTP sua importância para que nós levando-a para frente, não perde-la futuramente

JLOTRs *Hawwata akiw in parak abet lekol awaku kadah ka aynsima*

JLOTP e também ela entra na escola porque tem muito

JLOTRs *hiyakemnikia adah wixwiy lekolya amin adah kanuhene nimin*

JLOTP conhecimento para nós aprender sobre ela para ensinar

JLOTRs *Adah wixwiy tamakni adah hawwata mmabaki wixwiy awnani.*

JLOTP Para que nós escrevê-la e também de como expressa-la

JLOTRs *Kibeyne, nikwe inere ndahan, adah nah kinetihwa amin awaku in ka aynsima a-waygi wotwiynek han pitatitnek*

JLOTP Obrigado, então é isso, sobre que eu falei, porque é muito importante para nós futuramente

JLOTRs *Adah wixwiy, adah bakimnay ku pay aytnibyenek han pitatit,*

JLOTP Para que nós, para as crianças futuramente

JLOTRs *nikwe igkis kadahan inin hiyakemniki, adah kanuhwene amin giwnavrikis,*

JLOTP então eles tem aquele conhecimento, para aprender sobre suas línguas

JLOTRs *adah igkis tamakni hawwata adah in ka biwk. Kibeyne, inerenewa.*

JLOTP Para que eles registrem, para não perde-la. Obrigado, era isso.

Sobre os exemplos apresentados, interessa informar, todo o processo foi executado pelos próprios alunos, possibilitando-lhes, assim, adquirir conhecimentos associados às atividades de sala de aula e que serão de grande utilidade no desenvolvimento de suas atividades nas escolas indígenas em que trabalham.

4. Resultados

As novas propostas de documentação linguística se adequam às novas demandas imperativas das comunidades indígenas acerca da preservação de suas línguas e de suas culturas. A possibilidade de construir materiais didáticos de diferentes conteúdos cultura e linguisticamente relevantes como dicionários, gramáticas, materiais didáticos e paradidáticos, entre outros, aponta para uma melhoria de suas práticas de educação escolar de suas





comunidades. Esse cenário torna-se necessário e relevante quando observamos cada vez mais casos em que a língua indígena perde espaço e prestígio frente ao português. A este respeito, por exemplo, o aluno Wainarike Apalai se mostra muito preocupado com o desinteresse dos jovens em manter algumas tradições do seu povo:

...por que a gente tá deixando pouco pra trás... A gente tá precisando um...um projeto para revitalização das culturas, é também de...de não e só de cultura também de artesanatos. A gente tá deixando, fazer né, alguns jovens e as crianças...não sabem fazer mais artesanatos, alguns jovens também não sabem contar mais história, são contados. Isso a gente não pode esquecer...a gente precisa futuramente, é nossa história que foi contado. Já, já esqueceram porquê? Não foi escrito, e não foram publicadas...

Lucilena dos Santos (Galibi Marworno) aprova o uso de metodologias em documentação linguística que podem servir como suporte para ensino de línguas dentro da sala de aula.

...hoje estou aqui eu tem mais um pouco de conhecimento não é toda, mais tem coisa que eu nunca tinha visto falada mas agora aprendi então pra me voltar para minha aldeia, passa tudo para o meus alunos, em minha comunidade onde eu trabalha. Tudo que eu aprender aqui, pra me passar para o meus alunos, todos os conhecimentos pra me trabalhar com eles em duas línguas porque as duas são importante...

A pesquisa e o acesso às ferramentas de documentação despertaram nos discentes diferentes propostas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) representativas de suas línguas e culturas, trabalhos que servem de instrumentos que enriquecem suas práticas político-pedagógicas nos processos formativos no âmbito da educação escolar indígena. Ao pensarmos nesses diferentes processos, cabe-nos lembrar da Resolução 01/2015 CNE, Seção I - Do perfil do professor indígena, cujo Art. 7º, segundo o qual os cursos destinados à formação inicial e continuada de professores indígenas devem prepará-los para:

- II - conhecimento e utilização da respectiva língua indígena nos processos de ensino e aprendizagem;
- III - realização de pesquisas com vistas à revitalização das práticas linguísticas e culturais de suas comunidades, de acordo com a situação sociolinguística e sociocultural de cada comunidade e povo indígena;
- V - articulação das linguagens orais, escritas, midiáticas, artísticas e corporais das comunidades e povos indígenas no âmbito da escola indígena;
- VII - construção de materiais didáticos e pedagógicos multilíngues, bilíngues e monolíngues, em diferentes formatos e modalidades;
- VIII - construção de metodologias de ensino e aprendizagem que sintetizem e potencializem pedagogias ligadas às especificidades de cada contex-





to escolar indígena;

O processo de transcrição e de tradução de um evento de fala utilizando materiais produzidos pelos próprios alunos, que ouvem e veem a si mesmos, tem efeitos positivos no reconhecimento de seus domínios de fala e de escrita em suas línguas maternas. No produto final, o texto da sessão transcrita e traduzida importado para o formato em *word* pode ser usado de diversas formas dentro de sala de aula ou em qualquer outra atividade. Desta forma, entendemos que as atividades aqui descritas contribuíram enormemente para a formação sólida do professor pensado, também, como pesquisador de sua própria realidade.

5. Referências

APALAI, Mahkai. *A Construção de Posse em Apalaí: ynara ãko Apalaí omiry ae senohne yk-yriry me ehtoh poko te imepy_ kyryry me ehtoh poko*. 2016. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso(TCC). Universidade Federal do Amapá – UNIFAP/Campus Binacional, Oiapoque, 2016.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior. Resolução 02. CNE/CP/MEC, 1 de julho de 2015.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígena (RCNEI). Brasília, MEC/SEF. 1998.

NONATO, Hipólito. *Palikur, uma Língua Ameaçada? Estudo do caso das aldeias Ywawka e Tawari*. 2014. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade Federal do Amapá – UNIFAP/ Campus Binacional, Oiapoque, 2014.

PICANÇO MONTEJO, F. Masak, Masak: Kam! As adivinhas do povo Karipuna. Boletim de Estudos Crioulos [Suplemento de Papia]. Brasília. 11, 81-86, 2001.

